

PISCICULTURA NO NÚCLEO DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA BOA SORTE, EXTREMO NORTE DO TOCANTINS: ENTRAVES DE PRODUÇÃO

Guilherme Octávio de Sousa Soares¹, Rafael de Azevedo Leite¹, Paloma Castro Abreu¹, José Lucas de Sousa Soares¹, Mônica Santana da Silva², Diego Rene Sens³

¹Acadêmicos do Curso de Bacharelado em Agronomia do IFTO - Campus Araguatins. e-mail: guilhermeoctavio21@hotmail.com, rafael_agr@outlook.com, palomacastro92@hotmail.com, joselucassoares13@gmail.com

²Acadêmica do Curso de Ciências Biológicas do IFTO – Campus Araguatins. e-mail: monica.santana18@hotmail.com

³Professor de ensino EBTT do IFTO – Campus Araguatins. e-mail: diegosens@yahoo.com.br

Resumo: A produção aquícola brasileira vem crescendo ano após ano, e o estado do Tocantins vem se destacando pelo seu grande potencial dos recursos naturais para a prática da piscicultura. No estado, este segmento possui um potencial estimado para a produção de cerca de 800 mil toneladas de pescado ao ano (SEAGRO, 2014). Desta forma, este trabalho buscou entender quais os principais entraves na produção piscícola na comunidade do Núcleo de Produção Agrícola Boa Sorte, no município de Araguatins – TO. Através de visitas semanais a comunidade, aplicação de questionários, realização de dias de campo e o cultivo de cerca de 20 mil alevinos, a equipe pode acompanhar todo o processo de produção, deste a fase inicial até a comercialização. Com a realização do trabalho, pode se concluir que os principais problemas enfrentados pelos produtores são: a falta de recursos financeiros, escassez de serviços de assistência técnica, falta de conhecimento técnico por parte dos produtores e mercado incerto para a produção. Por fim, a realização de dias de campo mostrou se eficiente como modo de repassar ensinamentos de produção aos produtores.

Palavras-chave: potencial produtivo, Araguatins – TO, assistência técnica, pequenos produtores

1. INTRODUÇÃO

A aquicultura brasileira vem se destacando no cenário internacional devido ao seu crescimento médio anual de 10%, superando a média de crescimento mundial que é de 6% ao ano durante os últimos 10 anos. Para se ter uma ideia das dimensões deste setor no ano de 2010 o país produziu cerca de 479.400 toneladas de pescado, sendo que deste total 82% vem da piscicultura em água doce (KUBITZA et al, 2012).

Ocupando a 19ª colocação no cenário internacional da produção de pescado, o Brasil adquire cerca de 68,3% do pescado através da pesca extrativista marinha enquanto a pesca extrativista continental representa 31,1% deste total. As regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Centro – Oeste e Sul são, respectivamente, os maiores produtoras de pescado oriundo da pesca continental do país (MPA, 2011).

O país possui a maior reserva de água doce do mundo contando ainda com um litoral de 7,4 mil km de extensão. Outro fator que favorece o pescado nacional é a grande variedade de peixes da Bacia do Rio Amazonas e o clima do país é tido como o triunfo para a produção em larga escala. Entretanto, a aquicultura brasileira ainda é incipiente e estes recursos são poucos explorados

(SIDONIO et al, 2016).

Com cerca de 500 mil hectares de lâmina de d'água em operação e projetadas para a piscicultura o estado do Tocantins possui um potencial de produção de cerca de 800 mil toneladas de pescado ao ano. O estado é o que concentra a maior capacidade produtiva do país haja visto que possui água de qualidade e em quantidade para a pratica desta atividade além de altas temperaturas durante todo o ano e topografia plana (SEAGRO, 2014).

Para o estado Tocantins a piscicultura representa uma importante fonte estratégica para a economia e segurança alimentar do estado. Com um crescimento de 833% entre os anos de 2001 a 2011 o estado já atingiu a marca de 12.412 toneladas de pescado por ano. Entretanto, a cadeia produtiva da piscicultura no estado ainda encontra sérios gargalos em alguns dos seus elos como insumos, crédito e assistência técnica (FILHO, BARROSO & FLORES; 2014).

2. OBJETIVO

Este trabalho teve o objetivo de buscar os principais entraves de produção piscícola na comunidade do Núcleo de Produção Agrícola Boa Sorte, localizada no município de Araguatins – TO na meso região norte do estado.

3. METODOLOGIA DE TRABALHO

O trabalho foi desenvolvido no Núcleo de Produção Agrícola Boa Sorte localizado a cerca de 30 km do município de Araguatins – To. A comunidade conta com 3 tanques de piscicultura com aproximadamente 1 hectare cada tanque totalizando cerca de 3 hectares de lamina d'água. Estes tanques foram construídos ainda no ano de 1992 através de uma obra do Governo do Estado que tinha como meta tornar este assentamento um polo de produção agrícola e piscícola.

Entretanto, este projeto não foi concluído ficando para a comunidade somente os tanques de produção localizados sob as coordenadas 05° 38' 08.9" S e 47° 55' 15.2" W. Atualmente, a piscicultura no N. P. A. Boa Sorte vem sendo praticada por alguns moradores deste assentamento com o apoio do IFTO – Campus Araguatins através de projetos de extensão.

A comunidade trabalhou com cerca 20 mil alevinos distribuídos nos três tanques onde, os mesmos foram cultivados nestes mesmos tanques durante toda a fase de produção, indo desde a fase alevino até a engorda. Os alevinos foram adquiridos em uma fazenda especializada em reprodução de peixes localizada no município de Araguatins. As espécies cultivadas foram o tambaqui e a tambatinga, este ultimo obtido através do cruzamento das espécies Tambaqui e Caranha (Piratinga).

Os trabalhos de avaliação foram realizados através de visitas semanais a comunidade durante 6 meses de forma a obter dados dos principais problemas encontrados pela comunidade em gerenciar este empreendimento piscícola. Também foram realizados dias de campos e palestras de maneira a passar algumas técnicas de cultivo.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A piscicultura na comunidade N. P. A. Boa Sorte conta como vantagem o fato de estar localizada a cerca de 30 km do município de Araguatins, onde a estrada que dá acesso aos tanques é de fácil transito, ou seja, não há problema com escoamento da produção no que se refere à rapidez no trans-

porte dos peixes até o local de comercialização, que é na feira livre do município de Araguatins.

O extremo norte do estado ainda não dispõe de um grande número de fazendas produtoras de grãos, o que acarreta em maior custo de produção da ração, haja visto que os grãos utilizados na fabricação da ração, em sua maioria, vem de outros estados o que conseqüentemente deixa o preço da ração mais cara em relação a outras regiões piscícola onde a agricultura é forte. Logo, com o preço da ração mais cara os produtores não tem capital necessário para bancar a produção o que acarreta em sub nutrição dos peixes que irão demorar mais tempo, e conseqüentemente mais gastos, para chegar ao peso ideal de comercialização que é quando o peixe atinge cerca de 1 a 2 kg, no mercado local.

A falta de conhecimento técnico por parte dos produtores também é um gargalo na produção haja visto que muitos não dispõe de técnicas corretas de manejo que favoreçam o desenvolvimento dos peixes e o gerenciamento do empreendimento. Muitos possuem apenas o conhecimento empírico, entretanto não praticam os principais manejos adotados em uma piscicultura comercial como o controle da qualidade da água, arraçamento, bem estar animal e investimento.

Tanques com dimensões exacerbadas, como os encontrados no N. P. A. Boa Sorte, dimensões de 200 m de comprimento x 50 m de largura, Figura 1, são difíceis de manejar haja visto que para fazer simples manejos como a despesca é necessário um dispendioso trabalho que exige muita mão de obra e as vezes até o uso de animais para fazer o arraste da rede, Figura 2. O arraçamento também é menos eficiente em tanques com estas dimensões, pois devido ao grande comprimento dos tanques o peixe encontra dificuldade em localizar onde a ração foi jogada fazendo com que este animal não consuma a ração fornecida.

Figura 1: Área de estudo. Tanques de piscicultura do N. p. A. Boa Sorte



Fonte: Google Mapas

Figura 2: Processo de despesca em um dos taques de piscicultura do N. P. A. Boa Sorte



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Muitos produtores acreditam que quanto mais alevinos inseridos no tanque maior será sua lucratividade, em partes isso é verdade, entretanto algumas medidas devem ser tomadas como não exceder a lotação máxima do tanque e a garantia da alimentação aos animais em quantidade e qualidade.

Para uma boa produtividade o sistema de produção deve ter custos mínimos e produto final com maior preço de venda. Na piscicultura isso pode ser obtido através da aquisição da ração diretamente da fábrica. Para os demais insumos esse procedimento também deve ser adotado. Para a garantia de um produto final com maior preço de venda, pode se beneficiar o peixe fazendo a retirada das escamas e vísceras do peixe além de fazer cortes especiais.

A falta de mercado certo para a comercialização do pescado também é um problema encontrado pelos produtores do N. P. A. Boa Sorte. Como a venda é feita na feira livre não se tem a garantia de que o pescado levado naquele final de semana seja todo comercializado acarretando muitas vezes no retorno desses peixes para a comunidade, entretanto não mais para os tanques, mas sim para consumo próprio dos produtores.

O uso de palestras e dias de campo, Figura 3a e Figura 3b, mostrou se um importante modo de repassar técnicas de produção pois os produtores puderam acompanhar na prática como devem proceder para um manejo correto e eficaz de forma a diminuir custos e maximizar a produção.

Figura 3a e Figura 3b: Dia de campo realizado com produtores, 3a. Palestra realizada no N. P. A. Boa Sorte integrando comunidade acadêmica e produtores rurais, 3b.



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

5. CONCLUSÃO

Com o trabalho realizado do N. P. A. Boa Sorte ficou exposto que os principais problemas encontrados pelos piscicultores é a falta de recursos financeiros para o desenvolvimento da atividade, alto preço da ração, escassez de serviços de ATER capaz de acompanhar todo o processo produtivo e a falta de conhecimento técnico por parte dos produtores.

A falta de mercado certo para a destinação do pescado também compreende um serio gargalo para a piscicultura da comunidade mostrando ser de fundamental importância a ação do poder publico e/ou privado que garanta a destinação desse pescado.

O uso de palestras e dias de campo torna se uma importante ferramenta para repassar técnicas de produção haja visto que esta metodologia mostra na prática as técnicas a serem empregadas no sistema de produção.

REFERÊNCIAS

FILHO, M. X. P.; BARROSO, R. M.; FLORES, R. M. V. **Diagnostico da cadeia produtiva da piscicultura no estado do Tocantins**. Boletim de Pesquisa e Desenvolvimento, Embrapa Pesca e Aquicultura, 1ª edição, 66 p., Palmas – TO, 2014.

KUBITZA, F.; CAMPOS, J. L.; ONO, E. A.; ISTCHUK, P. I. Panorama da piscicultura no Brasil. **Revista Panorama da Aquicultura**, v. 22, n. 132, 2012.

MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA. **Boletim estatístico da Pesca e Aquicultura 2011**. Equipe técnica – MPA. Disponível em:
<http://www.mpa.gov.br/files/docs/Boletim_MPA_2011_pub.pdf> Acesso em: Março de 2016.



SEAGRO. Tocantins tem potencial para produzir 800 mil toneladas de peixe por ano. Portal de notícias Seagro Ascom/Seagro, por Camila Furtado em 30/07/2014. Disponível em: <<http://seagro.to.gov.br/noticia/2014/7/30/tocantins-tem-potencial-para-produzir-800-mil-toneladas-de-peixe-por-ano/>> Acesso em: Março de 2016

SIDONIO, L.; CAVALCANTI, I.; CAPANEMA, L.; MORCH, R.; MAGALHÃES, G.; LIMA, J.; BURNS, V.; JUNIOR, A. J. A.; MUNGIOLI, R. **PANORAMA DA AQUICULTURA NO BRASIL: DESAFIOS E OPORTUNIDADES**. Agroindústria. BNDES Setorial 35, p. 421 – 463. Março de 2012.